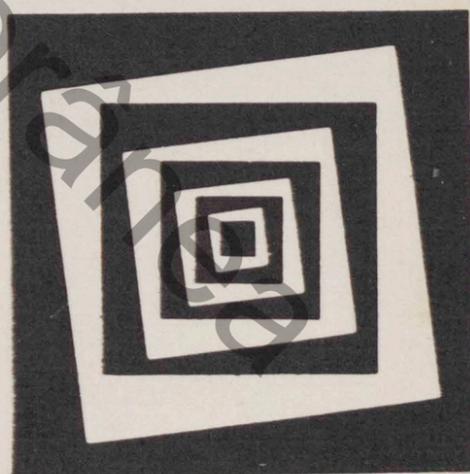


instituto de arte contemporaneo



galeria
domus

Sobre a Pintura de Antonio Palmeira

Como movimento ou escola organizado, peculiar a certo tempo e a determinado lugar, nunca existiu uma arte ou um estilo fantástico; ao contrário: o fantástico manifesta-se de tempos em tempos e nos mais diversos e por vezes inesperados lugares, partindo da realidade para superá-la. No que respeita ao caso específico brasileiro, veremos que o surgimento do elemento fantástico na arte nacional, abstração feita de exemplos relativamente raros observáveis na arte dos séculos passados, é coisa bem recente, embora seja lícito verificar, nos últimos anos, certa tendência para o fantástico, o onírico, o metafísico, o supra-real e mesmo o demoníaco em diversos de nossos artistas mais jovens. A causa desse apelo ao insólito, ao mítico, mais que aos críticos e aos historiadores de arte, competiria aos sociólogos e aos psicólogos identificar: que recônditos mecanismos da alma coletiva estariam sendo ativados para gerar, em tantos moços brasileiros, essas formas grotescas ou macabras, trágicas ou satânicas, eivadas umas de fundo erotismo, outras marcadas por um sadismo ou masoquismo patentes? Pois, se é compreensível o aparecimento de artistas do gênero em certas épocas de obscurantismo religioso, como a Idade Média, ou em regiões em que, como na Europa Setentrional, a Natureza é severa para com o ser humano, como explicar o seu florescimento à pura luz dos trópicos, no instante mesmo em que o Brasil aflora à idade tecnológica?

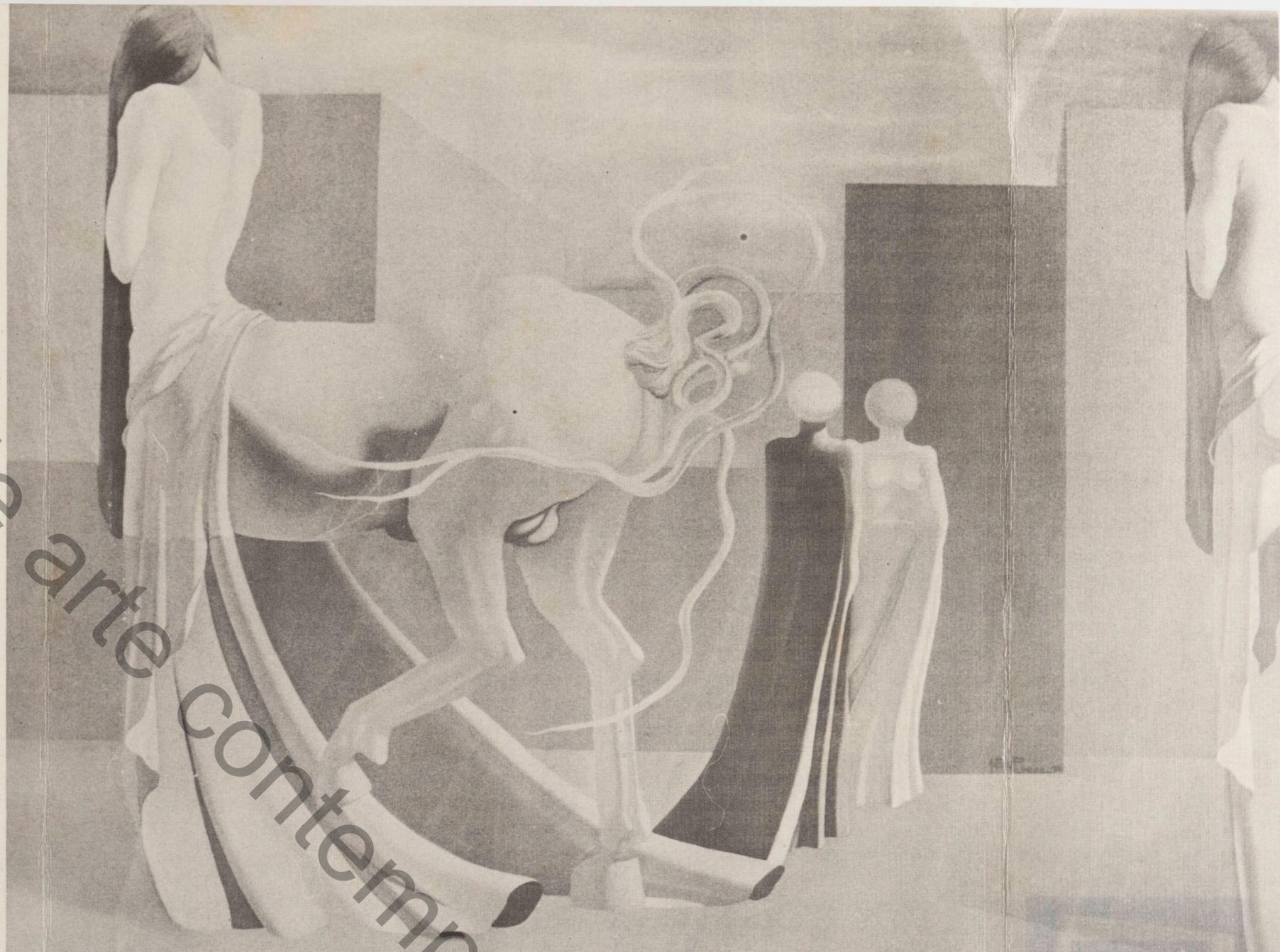
São considerações, essas, que nos vêm à mente diante da pintura do jovem Antonio Palmeira, cuja primeira exposição ora tem lugar na Galeria Domus. Jovem: tão jovem que nem possui propriamente uma biografia (sabemo-lo estudante de Arquitetura, ator teatral e, em arte, um autodidata), Palmeira improvisou-se uma técnica e uma temática, ainda não de todo dominada, aquela, não propriamente original, essa, mas situando-se, já, uma e outra, em níveis que bem permitem essa primeira mostra pública em caráter individual.

O seu desenho é correto e seguro; a cor, suave e de muita transparência; a matéria, lisa e impessoal. Há, na composição, recurso a amplos espaços vazios, algo à maneira de certos metafísicos italianos e evocando também a cenografia teatral. Sente-se que De Chirico e Carrà afetaram o mundo de idéias de Palmeira, como afetariam também, lá se vão 30 anos, o mundo de idéias do então muito jovem Dacosta.

No metafisicismo de Palmeira, porém, não há lugar para a angústia ou o desespero: o seu, como o do poeta, seria um espaço irreal todo feito de *calme, luxe et volupté*, povoado de formas oníricas e opulentas de manequins e centauresas, a se locomoverem numa atmosfera imaginária ou estáticos como as formas inanimadas de gigantesca natureza-morta. . . Há toda uma poética nessas composições bem acabadas, um temperamento inegável de criador de mitos visuais manifestando-se por detrás de cada forma, de cada tom.

Se, como já foi diagnosticado, a arte ocidental está doente, quem sabe de doença mortal, ao jovem Antonio Palmeira não caberá certamente a culpa de agravar o estado da enferma. Para ele, vocábulos decadentes como *Beleza, Harmonia* e similares ainda fazem sentido, e a Pintura não é só desabafo, ou mesmo vômito — é também algo que se faz com amor, e destinado ao deleite dos olhos.

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE



ANTONIO PALMEIRA

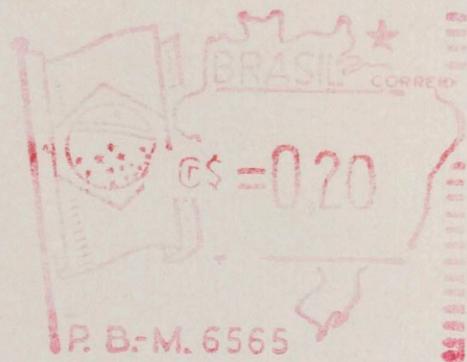
INAUGURAÇÃO:
Dia 8 de outubro, às 21 hs.



galeria domus

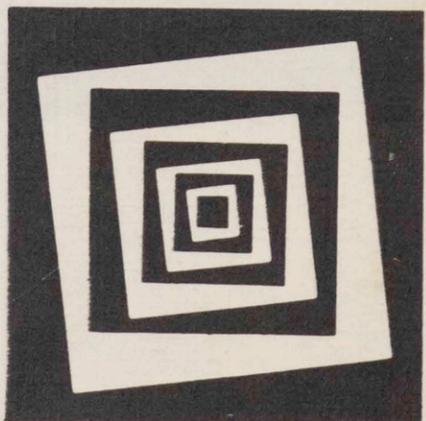
JOANA ANGÉLICA, 184 - TEL.: 227-3446 - RIO - GB

instituto de arte contemporânea



*Rua
Lígia Serpa
Juruviara*

*104
Muller*



galeria
domus